

TRADIÇÃO DEVOCIONAL DE SANTO ANTÓNIO

Mariana Gomes

Isabel Dâmaso Santos

Centro de Tradições Populares Portuguesas

“Professor Manuel Viegas Guerreiro”

Universidade de Lisboa

Santo António faz parte do património identitário e cultural arquivado na memória e na tradição portuguesas, cuja presença se expressa de variadíssimas formas, quer pela devoção que se presta ao santo, quer pelas festas em sua honra nos vários pontos do país e até um pouco por todo o mundo. De entre as várias manifestações de fé, por muitas razões se lhe recorre em pedido ou oração, para as mais diversas finalidades. Moisés Espírito Santo dá conta do carácter multifacetado do Santo: “é simultaneamente protector dos comerciantes e dos ladrões, preside aos estabelecimentos comerciais e aos mercados de Coimbra (...). Procura as coisas perdidas, (...) superdotado para a teologia, convence os crédulos mais obstinados, homens da Moirama e peixes de Itália. (...) É casamenteiro. (...) protege o gado”. Segundo o mesmo autor, o santo terá incorporado todos estes atributos por convergirem em si qualidades de outras entidades divinas com nomes ou histórias similares à sua (como Hermes, Adónis e Santo Antão do Deserto)¹.

Na invocação a Santo António, a crença do devoto expressa-se através de fórmulas mais ou menos fixas de ligação ao destinatário protector ou auxiliador. Essas

¹ Moisés ESPÍRITO SANTO, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, p.181

estruturas “fixas” podem ser orações, resposos, romances, quadras, que têm diferentes caracteres, seja desde o utilitário (como recuperação de objectos perdidos) até ao lúdico (nas quadras para cantar nas Marchas Populares, por exemplo).

Vejamos, por exemplo, uma versão de um responso dirigido a Santo António recolhido em Bragança (conforme o discurso da informante)²:

“os perdidos e achados é, portanto, uma pessoa perde qualquer coisa, e não a encontra, e então há uma oração, se a pessoa a disser três vezes seguidas, sem se enganar, as coisas aparecem. Pronto, e então é assim:

*Santo António se bestiu e se calçou.
Pelo caminho do Senhor andou.
Encontrou o Senhor,
O Senhor lhe perguntou:
– António, onde bais?
– Oh Senhor, eu consigo irei.
– Comigo não irás,
Nesta terra ficarás,
Guardar o perdido
Com o achado encontrarás.*

Três *bezes* seguidas!”

Este responso mostra a função utilitária que é costume ligar a Santo António quando se quer recuperar um objecto perdido. Esta versão tem associada uma descrição de um ritual ligado à *performance* da composição: ou o ‘texto’ se repete três vezes seguidas, sem enganos (e lembremo-nos da simbologia do número 3), ou o pedido não se concretiza. Para além disto, parece construir-se uma condição para a realização do rogo, gerando-se duas etapas para que o resultado do pedido seja positivo:

- 1) A primeira depende do devoto que é alguém que quer fazer um pedido e que, para obter resposta positiva, tem de cumprir a sua parte ao saber a oração e não se enganar ao dizê-la três vezes;

² Mariana GOMES, *Recolhas do Centro de Tradições Populares Portuguesas - RiS (2007)*, no âmbito do seminário de Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Oral e Tradicional. Informante: Virgínia Salazar (Bragança), 2007

- 2) A segunda depende do santo que é a entidade que tem a solução, mas que só a pode cumprir se quem lhe pede fizer a sua parte.

Veja-se que nesta versão a informante reitera a importância da repetição da composição quando acaba de a dizer, o que torna este elemento externo ao próprio texto tão ou mais importante quanto ele.

Qualquer composição recolhida da oralidade depende da memória de pessoas, e por isso será sempre uma estrutura adaptável aos processos de memorização. Ora, sendo assim, não poderemos recolher mais do que versões de 'textos'. Tomemos como exemplo o responso transcrito anteriormente: por mais que seja uma versão, entre outras, e cada uma diferente da outra, o objectivo de todas não deixará de ser o mesmo, que é pedir ao seu protector que encontre um objecto que está perdido. Sendo o propósito e o santo cultuado os mesmos, pode variar a forma como se pede, e com que artificios adicionais. Na versão de Bragança, incide-se nas instruções precisas para que o responso seja dito três vezes, e numa outra versão, recolhida em Portel, basta dizer uma vez o responso para que seja concretizado o pedido. Vejamos:

*Santo António pequenino,
Se vestiu e se calçou.
No seu caminho caminhou,
Onde Jesus lhe perguntou.
- António, tu onde vais?
- Senhor, contigo vou.
- Tu comigo não irás.
Tu na Terra ficarás.
Todas as coisas perdidas
e roubadas,
Santo António mas darás³.*

Mas comparemo-las: na composição transmontana, dita por Virgínia Salazar, há uma descrição da preparação do santo para o caminho, e depois o percurso do santo pelo caminho sagrado, seguindo-se um encontro, estrutura inicial esta que é, aliás, comum a

³ Sandra SALES, *Recolhas do Centro de Tradições Populares Portuguesas - Ri5 (2006)-13*, no âmbito da cadeira de Literatura Oral e Tradicional de Licenciatura. Informante: Genoveva Sales (Portel), 2006

outros pedidos a santos a quem se resposta (como Santa Bárbara e São Jerónimo). O encontro é com Deus (o que coloca Santo António na preferência do divino), e há um diálogo entre os dois, em que o Senhor incumbe o santo de uma missão que é a de ficar e encontrar o perdido, recusando a sua companhia no caminho. Se formos ver a versão de Portel, verificamos que o pedido se mantém semelhante, mas que não há referência ao ritual associado à versão transmontana.

Comparámos, também, duas versões institucionais, da Igreja, uma de 1780 e outra nossa contemporânea. Vejamos ambas as versões que diferem das versões mencionadas anteriormente e recolhidas da oralidade:

Versão de 1780 ⁴	Versão actual ⁵
<p>"Se procuras milagres: pelo Patrocinio de Antonio Santo, a Morte, o Erro, a Calamidade, a Lepra, e o Demonio põem-se logo em fugida. Levantão-se os Enfermos com saude: applacão-se os Mares tesmpestusos: restabelecem-se os membros paralyticos: e apparecem as cousas perdidas.</p> <p>*Assim o conseguem (se bem o supplicão) tanto os Velhos, como os Mancebos.</p> <p>Desapparecem os perigos, e cessa a indigencia. Digão-no à boca cheia todos os moradores de Padua: e os mais que o experimentão nos outros Lugares da Terra.</p> <p>*Assim o conseguem (se bem o supplicão) tanto os Velhos, como os Mancebos.</p> <p>Gloria ao Padre, e ao Filho, e ao Espirito Santo.</p> <p>*Assim o conseguem (se bem o supplicão) tanto os Velhos, como os Mancebos.</p> <p>Rogai por nós, Bemaventurado Antonio. Para que sejamos dignos das Promessas de Chrtisto.</p> <p>ORAÇÃO.</p> <p>Senhor Deos, nós vos rogamos, que alegre a vossa Igreja a Commemoração votiva do Bemaventurado Antonio, vosso Confessor, para que fortalecida sempre com os espirituaes auxilios, mereça gozar</p>	<p>Se milagres desejais, Recorrei a Santo António; Vereis fugir o demónio E as tentações infernais.</p> <p>Recupera-se o perdido Rompe-se a dura prisão, E no auge do furacão Cede o mar embravecido.</p> <p>Pela sua intercessão Foge a peste, o erro, a morte, O fraco torna-se forte E torna-se o enfermo são.</p> <p>Recupera-se o perdido Rompe-se a dura prisão, E no auge do furacão Cede o mar embravecido.</p> <p>Todos os males humanos Se moderam, se retiram, Digam-no aqueles que o viram E digam-no os paduanos.</p> <p>Recupera-se o perdido Rompe-se a dura prisão, E no auge do furacão Cede o mar embravecido.</p> <p>Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo</p> <p>Recupera-se o perdido Rompe-se a dura prisão, E no auge do furacão Cede o mar embravecido.</p> <p>Rogai por nós, bem-aventurado António.</p>

4 *Horas Marianas ou Officio Menor da SS. Virgem Maria Nossa Senhora*, Responsório de Santo António, p. 481, Na Regia Officina Tipografica, Lisboa, 1780

5 Copiado da pagela disponível na Igreja-Casa de Santo António

os Prazeres eternos. Por Jesus Christo, Senhor nosso. Amen”.	<p>Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.</p> <p>OREMOS: Ó Deus, nós Vos suplicamos, que alegre à Vossa Igreja a solenidade votiva do bem-aventurado António, vosso Confessor, para que fortalecido sempre com os espirituais auxílios, mereça gozar os prazeres eternos: Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amen.</p>
--	--

Quando lemos a versão de 1780, deparamo-nos com um longo pedido, em modo de oração, com refrão, e listam-se os atributos do santo, repetindo o seu poder na recuperação do perdido, a par da referência aos primeiros milagres que o santo terá realizado e que terão sido milagres de cura. É uma composição de predomínio narrativo e sem a presença do diálogo ao contrário das versões recolhidas na oralidade. Tal como na versão de 1780, a versão actual continua a valorizar as acções milagrosas que o Santo António terá operado, mas a construção textual aponta já para uma preocupação estética, apresentando o texto versificação e rima. Vejamos como cada um dos textos institucionais apresenta os mesmos actos milagrosos:

Na versão de 1780⁶:

*Levantão-se os Enfermos com saude: applacão-se os Mares tesmpestuos:
restabelecem-se os membros paralyticos: e apparecem as cousas perdidas.*

Na versão de hoje⁷:

*Recupera-se o perdido
Rompe-se a dura prisão,
E no auge do furacão*

6 *Vd.* Nota 4

7 *Vd.* Nota 5

Cede o mar embravecido.

O padre Firmino Martins distingue a relação que o povo tem com Santo António por este o tratar “como companheiro, amigo velho, e tanto o ama e tanto lhe quiere, que o não larga do pensamento e do coração e o chama para todas as necessidades e doenças”⁸. Também Carlos Nogueira descreve que na religião popular “coexistem elementos instáveis que repetidamente se tocam, como sagrado, profano, magia, superstição, comportamentos religiosos, e comportamentos laicos”⁹, que tornam a devoção não institucional tão peculiar e singular.

Nas composições alusivas a Santo António existem vários momentos temáticos: ora descrevendo alguns efeitos do seu poder taumátúrgico (como santo milagroso, como salvador da pátria lusitana ou conversor dos hereges), ora pedidos de absolvição, pedidos para surgir casamento, agradecimentos, preces por causa da guerra ou por negócios¹⁰.

Mas para além destas funções do domínio utilitário que comumente se relacionam com Santo António, também outras, de carácter lúdico, foram sendo adicionadas ao seu rol de funções mais tradicionais.

O volume e a diversidade de variantes de orações e de resposos dirigidos a Santo António, recolhidos e rezados por todo o país, indiciam-nos a forte presença deste santo no nosso quotidiano, invocado em todo o tipo de situações. De facto, Santo António recebe pedidos de auxílio para a resolução das mais variadas dificuldades. O etnólogo Armando Mattos, num exaustivo estudo sobre a dimensão da figura de Santo António na tradição popular, observa que “no geral, cada santo é advogado ou protector

8 Pe. Firmino A. MARTINS, *Folklore do Concelho de Vinhais*, p.391

9 Carlos NOGUEIRA, *Literatura Oral em Verso, a Poesia em Baião*, p. 150

10 Pe. Firmino MARTINS, *op.cit.*, p.390

de uma determinada categoria de sucessos”¹¹, “ora, com Santo António, dá-se o contrário, pois é ele sozinho a atender e a acudir a várias calamidades que afligem os seus devotos”¹².

Multiplicam-se as manifestações de devoção antoniana, expressa por meio de uma panóplia infindável de tradições culturalmente enraizadas. Quer, por exemplo, a bênção das crianças, dos animais e dos pães quer as marchas populares fazem parte desse conjunto inesgotável de formas de culto antoniano. Aliás, a flexibilidade que Santo António apresenta na capacidade que tem de responder com eficácia e prontidão a tantas e tão variadas solicitações terá levado Padre António Vieira a constatar que: “Se vos adoce o filho, Santo António; se vos fogue o escravo, Santo António; se mandais a encomenda, Santo António; se esperais o retorno, Santo António; se requereis o despacho, Santo António; se aguardais a sentença, Santo António; se perdeis a menor miudeza de vossa casa, Santo António; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo António”¹³.

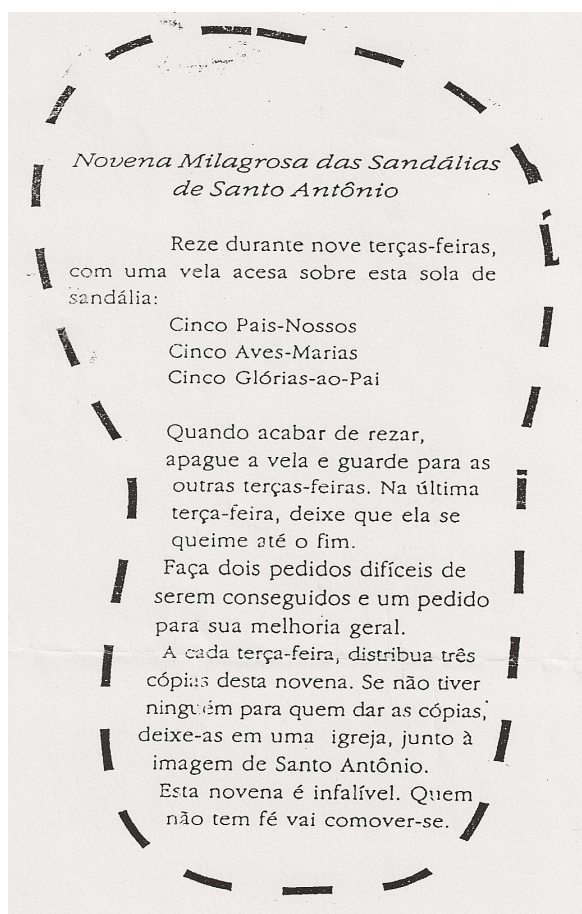
Na verdade, é frequente ouvir esta exclamação invocativa a Santo António à qual subjaz um pedido de ajuda. Padre António Vieira alertava, já no seu tempo, para o recurso abusivo à figura de Santo António, sobrecarregando-o com assuntos insignificantes e comezinhos, e sujeitando-o, frequentemente, a práticas de chantagem pouco simpáticas, como mergulhar a sua imagem num rio ou num poço, colocá-la com a cabeça para baixo, prendê-la, roubar-lhe o Menino Jesus ou uma mão (motivo pelo qual muitas das suas imagens já não possuem estes elementos), entre outras. O recurso a estes métodos “persuasivos” mantém-se até à actualidade, como parte integrante de um vasto conjunto de práticas associadas ao culto antoniano que inclui desde superstições a

11 Armando de MATTOS, *Santo António de Lisboa na tradição popular (subsídio etnográfico)*, p. 33

12 *Id, ibidem*, p. 35

13 Padre António VIEIRA, *Sermões*, Vol. III, p. 242

orações em corrente (geralmente de origem brasileira), como é o caso da “Novena Milagrosa das Sandálias de Santo Antônio” que apresentamos:



Esta novena realça o carácter maravilhoso do santo mas recorre essencialmente ao ritual que a sustenta e que remete para elementos simbólicos, como as sandálias de franciscano que Santo António terá usado, em alusão à simplicidade e à humildade que o levou a percorrer os caminhos da missionação, bem como o domínio da perfeição conseguido através de referências determinadas pelo número três: 3 orações, 3 pedidos, 3 cópias, às terças-feiras (que corresponde ao dia da semana em que Santo António foi a enterrar).

A indicação de se deixar um exemplar desta novena numa igreja junto da imagem de Santo António constitui outra prática frequente. Com efeito, é habitual

encontrar todo o tipo de recados e bilhetinhos junto às imagens de Santo António, um pouco por todo o mundo. Consta até que, no tempo em que a maioria dos devotos não sabia nem ler nem escrever, terá existido, nas imediações da Igreja de Santo António, em Lisboa, uma capelista que se dedicava a escrever estes bilhetinhos, a pedido dos fiéis que a procuravam e que posteriormente os depositavam nessa igreja junto à pintura que representa Santo António. E, de facto, é possível encontrar diariamente, junto deste quadro, uma galeria de objectos devocionais, como bilhetinhos endereçando pedidos e agradecimentos ao santo, caixas de medicamentos, fotografias, peças de cera, enfim, variadíssimos objectos que expressam a devoção popular e que constituem muitas vezes ex-votos por graças alcançadas.

Embora discutíveis, certo é que todas estas práticas constituem manifestações de fé e resultam da piedade e da devoção populares. A genuinidade desta religiosidade popular assenta na relação de proximidade e de cumplicidade que se estabelece com Santo António através de uma fusão extraordinária entre o sagrado e o profano, que legitima a invocação a Santo António nas mais diversas situações e visando variadas finalidades.

São conhecidos fortes focos de devoção antoniana um pouco por todo o mundo devido à maleabilidade característica da figura de Santo António que lhe tem permitido miscigenar-se com divindades e práticas locais, resultando num símbolo iconográfico de fé. Através desta dimensão universal, Santo António continua a conseguir arrastar multidões, por exemplo, em procissões pedindo para que chova, realizadas em algumas zonas do Brasil ou da Guatemala, reconhecendo-se em Santo António a capacidade para dominar a Natureza, dom manifestado desde sempre nas orações e nos responsos que se lhe dedicam, devido ao episódio relatado, logo após a sua morte, e que dá conta do milagre que Santo António terá operado quando acalmou uma forte tempestade que se

abatera sobre a multidão que o ouvia atentamente. Nota-se, assim, através destas procissões para que chova, o processo de inversão desta acção milagrosa do santo e que realça, não só o seu excepcional domínio da Natureza, mas sobretudo a assinalável capacidade de adaptação que o santo revela, ajustando-se às necessidades dos seus devotos. É importante referir, neste âmbito, as imagens de Santo António com feições africanas, indígenas e orientais que é possível encontrar, reveladoras desta extraordinária capacidade de adaptação da mensagem que a figura de Santo António consegue transmitir e alcançar nas culturas em que se integra e que constitui uma das maiores maravilhas do fenómeno antoniano.

A harmonia singular entre o sagrado e o profano, alcançada em torno da figura de Santo António, tem contribuído muito para a renovação do culto, recorrendo frequentemente à conjugação das suas virtudes. A capacidade para recuperar objectos perdidos, reiterada desde cedo nas orações e nos responsos, é associada, por exemplo, aos seus dotes de casamenteiro, apanágio de origem pagã surgido em meados do século XIX. Provavelmente devido à coincidência de datas entre os rituais pagãos associados ao solstício de Verão e a festa religiosa que assinala a morte do santo (a 13 de Junho), Santo António emerge como casamenteiro e protector dos casamentos, faceta reforçada pela lenda, de finais do século XIX, conhecida como o milagre da bilha. Conta-se como Santo António concertou a bilha de barro que uma moça tinha deixado partir por se encontrar distraída a pensar no namorado junto à fonte. Acentua-se, também, o recurso à figura de Santo António como recuperador, neste caso de objectos perdidos/partidos por motivos amorosos. Esta vertente casamenteira do santo, subjacente à tradição das noivas de Santo António, com início em meados do século XX, confere-lhe, por vezes até, um certo carácter brejeiro. Vejamos alguns exemplos apresentados por Armando de Mattos:

“Oh! Meu santo Antoninho,
Vou rezar o teu responso;
Eu perdi o meu amor
Que se chamava Afonso.¹⁴”

“Santo António português
Devoto de lo perdido
Mio amante se perdeu
Buscarmelo, Santo mio.¹⁵”

“Santo António bailador
o perdido faz achar;
eu perdi o meu amor
outro amor hei-de encontrar.¹⁶”

“Santo António me acenou
de cima do seu altar.
Olha o maroto do santo
que também quer namorar.¹⁷”

“Minha avó tem lá em casa
Um Santo António velhinho;
Em as moças não me q'rendo
Dou pancadas no Santinho.¹⁸”

A imagem de Santo António é uma presença assídua nas casas portuguesas, seja em altares ou oratórios particulares, junto às fotografias da família, ou sob a forma de uma peça de barro, mais tradicional ou mais arrojada.

Terminamos com a inclusão de uma composição de índole popular intitulada “Santo Antoninho da Serra” e recolhida em Castro Verde, na qual se percebe a expectativa que os devotos depositam na acção casamenteira do santo. Aproveitamos para agradecer a gentileza que o Dr. Paulo Nascimento, Pedro Mestre e Ana Valadas

14 Armando de MATTOS, *op. cit.*, p. 36

15 *Id, ibidem*, p. 53

16 *Id, ibidem*, p. 86

17 *Id, ibidem*, p. 108

18 *Id, ibidem*, p. 79

tiveram em ceder-nos a letra que apresentamos e que é cantada pelo Grupo Violas Campaniças:

<p>Moda¹⁹:</p> <p>I Santo Antoninho da Serra, Onde foi fazer caçada. (ou morada) Lá no mais alto rochedo, Atira não mata nada.</p> <p>II Atira não mata nada, Quem atira também erra. Onde foi fazer caçada, (morada) Santo Antoninho da Serra.</p>	<p>Cantigas:</p> <p>I Onde há mato há coelhos, Onde há coelhos há camas. Por causa dos maus conselhos, Não deixes de amar quem ama.</p> <p>II Já o sol se vai pondo, Já eu vou tendo paixão. Onde irá o meu amor, À noite fazer serão?</p> <p>III Já com esta são três vezes, Que eu passo à tua rua. (bis) Sempre a porta fechada, Não sei que vida é a tua.</p>
--	---

Tivemos também a oportunidade de assistir à interpretação desta moda pelo Grupo Maravilhas do Alentejo, na emissão de dia 6 de Novembro (de 2008), do programa “Património” da Rádio Castrense, bem como pela Sra. Mariana Campaniça, também conhecida por Mariana da Estação, no jantar-convívio de 7 de Novembro (de 2008), integrado no programa da *VII Jornada do Centro de Tradições Populares Portuguesas*, realizadas em Castro Verde e subordinada ao tema “Oralidade, Tradição, Património”. Verificamos, então, que esta composição integra o cancionero popular desta região, fazendo parte do seu reportório e revelando a presença de Santo António no seu património cultural.

¹⁹ Chama-se moda à letra principal da música (refrão). As cantigas (quadras soltas) são cantadas intercaladas com a moda.

Em suma, adaptando-se a todos os tempos e a todas as realidades, a versatilidade que envolve a figura de Santo António tem permitido que a sua imagem perdure no imaginário cultural português e continue a suscitar variadíssimas formas de expressão da devoção que o povo lhe dedica.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV, *Em Louvor de Santo António de Lisboa*, No Oitavo Centenário do seu Nascimento 1195-1995, Lisboa, Igreja-Casa de Santo António, 1998
- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, Edição “Livros do Brasil”, Lisboa, 2006
- ESPÍRITO SANTO, Moisés, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Assírio&Alvim, Lisboa, 1988
- GOMES, Mariana, Recolhas do Centro de Tradições Populares Portuguesas - RiS (2007), no âmbito do seminário de Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Oral e Tradicional, 2007
- Horas Marianas ou Officio Menor da SS. Virgem Maria Nossa Senhora*, Responsório de Santo António, p. 481, Na Regia Officina Tipografica, Lisboa, 1780
- MARTINS, Pe. Firmino A., *Folklore do Concelho de Vinhais*, Ed. da Câmara Municipal, Vinhais, 1997
- MATTOS, Armando de, *Santo António de Lisboa na tradição popular (subsídio etnográfico)*, Porto, Livraria Civilização, 1937
- NOGUEIRA, Carlos, *Literatura Oral em Verso, a Poesia em Baião*, estratégias criativas, V. N. de Gaia, 2000
- REMA, Henrique Pinto, *Santo António de Lisboa, Ex-Votos*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003
- SALES, Sandra, Recolhas do Centro de Tradições Populares Portuguesas - Ri5 (2006)-13, no âmbito da cadeira de Literatura Oral e Tradicional de Licenciatura, 2006
- VIEIRA, Padre António, *Sermões*, Porto, Lello & Irmãos, 1959, Volume III de *Obras Completas de Padre António Vieira*, pp. 27-314